



**Luis Carlos de Menezes**  
pensenisso@abril.com.br

**J**ulgamentos e estimativas são sempre necessários. Um simples olhar avalia uma vaga de estacionamento ou a delegância de um gesto. Uma rápida operação mede a pressão arterial ou verifica o saldo bancário. Somente a análise complexa, no entanto, diagnostica um paciente ou uma grande organização. Avaliações educacionais, por sua vez, verificam habilidades de alunos e o desempenho de redes escolares. Os objetivos, nesse caso, são tão diferentes quanto os de exames médicos que orientam tratamentos ou de provas para certificar profissionais e classificar serviços.

As avaliações mais importantes são as que orientam o ensino, integradas ao processo de aprendizagem, e não simples provas periódicas. Ao propor uma gincana em que as crianças escrevam bilhetes anônimos e numerados, com instruções para ações dos colegas, a professora que acaba de assumir uma turma desenvolve uma boa socialização enquanto verifica as competências de ler e escrever de cada um. Atividades desse tipo, da Educação Infantil ao Ensino Médio, revelam mais do que provas. Porém, o uso delas é tão raro quanto o de diagnósticos iniciais. O resultado disso é que, às vezes, expectativas de aprendizagem equivocadas somente são percebidas quando já é tarde demais.

Quando as turmas são grandes, em vez de levar pilhas de trabalhos para corrigir (e às pressas, pois a vida é cur-

# Avaliação não é ameaça

**As provas devem servir para acompanhar o processo de aprendizagem do aluno, e nunca ser temidas como sentenças**

ta), é melhor o professor instruir os estudantes para que se auto-avaliem em atividades de classe ou de casa. Sabendo contornar possíveis limitações, a escola pode orientar as famílias para se tornarem parceiras no processo, mostrando os objetivos das etapas do ensino e o que será verificado em provas parciais. As finais ganham a função de confirmar e certificar o trabalho, mas insucessos põem em questão a própria escola.

A qualidade da Educação deve ser aferida, e as provas gerais têm esse papel, nem sempre bem interpretado. Classificar escolas lembra "coisa de mercado" e, como provocação, eu diria que a escola que fazia o estudante aprender só para tirar boas notas nas provas - como alguém que cuida da saúde só para passar no exame médico - agora também ensina para ela mesma ser aprovada.

Avaliações como a Prova Brasil permitem planejar o aperfeiçoamento de escolas e redes. Já o Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, foi concebido para que cada jovem, ao fim da Educação Básica, possa mostrar as competências adquiridas para se expressar, compreender, intervir, argumentar e propor, mas também pode servir para apontar a uma escola como está o desempenho médio dos estudantes.

Cabe a esses exames orientar, e nunca "carimbar" uma instituição - e é bom evitar comparações absolutas entre escolas e professores atuando em situações

**“A escola que fazia o estudante aprender para passar nas provas agora ensina para ela mesma ser aprovada”**

diversas. A sociedade e o Estado precisam saber que quem trabalha em condições difíceis e com público carente está na trincheira da equidade social e do desenvolvimento, sendo assim a vanguarda - não a retaguarda da Educação.

Em síntese, em quaisquer circunstâncias, avaliações são meio ou confirmação de nosso trabalho, nunca sua razão de ser. Assim, devem ser vistas como recursos para aprender e ensinar melhor, nunca temidas como sentenças, nem pelo aluno nem por nós.

**Luis Carlos de Menezes,**  
físico e educador da Universidade de São Paulo, sabe que a avaliação é um recurso insubstituível do professor.